

o mais que o Supplicante tirava do ditto Officio; e somente isto é que o Supplicante espera e pede á V. M. I. baja de deferir-lhe, indemnizando-o da perda sofrida com a abolição do officio, que lhe pertencia, por meio de uma pensão equivalente—E R. M.—»

E antes de encetar a discussão, releva diser, que pelas Leys existentes, quando se extingue qualquer officio de justiça, a Fazenda publica não tem obrigação de indemnizar ao proprietario; e por este motivo, em todas as Cartas de propriedade, se insere a seguinte clausula—*com declaração, que havendo, por meu serviço, de lhe tirar ou extinguir em algum tempo, minha Fazenda não será por isso obrigada á satisfação alguma.*—» Ora a Carta passada ao Sr. Antonio Carlos continha necessariamente a mesma clausula, e nem podia ser de outra maneira, por isso que são todas ellas lavradas pelo mesmo theor. Admira entretanto, que o Sr. Procurador da Corôa tenha dado a sua opinião favoravel á pretensão do Sr. A. Carlos, sem que procurasse haver á si a Carta de propriedade, para por ella se guiar; si accaso a visse, de certo, que deversa seria a sua opinião: essa era a sua obrigação, e de maneira alguma podia transigir com pretensões de quem quer que fosse, contra o que se acha expresso nas Leys. Como pois argumenta o Sr. A. Carlos em nome de justiça, e respeito devido á direito adquirido, quando as Leys lhe não reconhecem a justiça de indemnisação, nem ordenam que se devam respeitos á direitos assim adquiridos?—Foi portanto, com injustiça notoria, e em menoscabo das Leys, concedida semelhante indemnisação.

E quando mesmo houvessem Leys, que sancionnassem estas indemnisações, ainda assim não poderia ser com justiça indemnizado o Sr. A. Carlos. O Assento de 27 de Abril de 1608 e o Decreto de 29 de Julho de 1612 determinam, que o Proprietario não possa levar do serventuario mais da 3.^a parte, em que fôra o officio lotado. A Ley de 11 de Outubro de 1827, alem de expressa e terminantemente prohibir ao proprietario o receber de seu serventuario mais da 3.^a parte da lotação, sob as penas de perda do officio, e outras consignadas no art. 7.^o, acrescenta que para que o proprietario possa perceber isso mesmo, é de mister que elle não tenha outro meio de subsistencia. Ora sendo o officio do Sr. A. Carlos lotado em 1:200,000 rs. como elle mesmo confessa no seu requerimento, claro é, que quando desonerado de pagar á Fazenda Pu-

blica o onus da 3.^a parte, se irrogou o direito de receber essa quantia do serventuario, praticou um acto illegal, e improprio de um Magistrado e Legislador: illegal, por que a Ley prohibe ao Proprietario o receber mais da 3.^a parte do serventuario, e o Sr. A. Carlos, segundo o que confessa no seu proprio requerimento, recebeu tambem a outra 3.^a parte, que até ali tinha sido applicada ao onus; e por este acto perdeu o seu officio, segundo a Ley de 1827, que acima citamos. Dismos improprio de um Magistrado, por que o Sr. A. Carlos devia muito bem saber, que quando se lhe tirou o onus da 3.^a parte, este beneficio revertia em favor do serventuario, continuando elle por Ley, á pagar ao proprietario somente a 3.^a parte.

Nós acreditámos ter bem demonstrado que a Camara dos Deputados obrou menos pensadamente, quando approvou a indemnisação, já por que as Leys expressamente a prohibem, já por que quando mesmo houvesse Ley, que permitisse a indemnidade, o Sr. A. Carlos havia perdido o direito de ser indemnizado, percebendo seu serventuario mais da 3.^a parte, segundo a sua propria confissão.

Demos ainda uma hypothese, de que se devesse dar uma indemnisação. Mas ella não podia ser maior de —400,000—rs., por ser esta a perda legal do Sr. A. Carlos, e que constitue a 3.^a parte da lotação do seu officio, e unica, que elle podia receber do serventuario. Acrescentemos de passagem, que a concessão de —800,000—rs. foi uma violação de Ley feita pelo Sr. Ministro da Justiça.....

Assegurámos entretanto ao publico, que o unico desejo, que nutrimos n'este negocio, é o do bem publico, da justiça, e da ley. E para provarmos a nossa proposição, alto e bom som declarámos, que approvariamos toda e qualquer pensão concedida ao Sr. A. Carlos em remuneração dos seus serviços, com quanto nos oppnhamos á esta indemnisação. Os seus serviços são muito valiosos, de grande ponderação, sobretudo nas Cortes de Portugal, quando tão bem defendeu os direitos do Brasil. Dê-se-lhe portanto uma remuneração; fixe-se-lhe a pensão de 1:600,000—rs. ou mais por anno; nós approvaremos. Mas não se enoberte o desejo de o remunerar com o titulo de indemnisação; ella é injusta, illegal, e contra os interesses nacionaes, por isso que, passado o precedente de indemnisação por officios abolidos por Ley, choverão milhares de pretendentes com iguaes direitos, e não se lhe

hade negar aquillo, que se deo ao Sr. A. Carlos. E os cofres nacionaes estão tão-bem fornecidos, que possam satisfazer á todos?

UM BRASILEIRO EM ROMA.

Romance.

—«Jorge, eu parto, adeus. Deixo tudo, o que me ligava á vida. Sabes sem duvida quaes os motivos d'esta minha inesperada resolução; não necessito de novo recordal-os. Lembra-te de mim... sê feliz.. e que ella o seja tambem!...—Teu amigo—Eduardo.—»

Apenas Jorge recebeu este bilhete, correu á encontrar-se com seu amigo: Já porem elle estava á bordo de um navio, que se fasia de vela para Marselha. Deccorreram alguns annos, sem que noticias suas lhe chegassem; julgava-o portanto morto, e quanto fasia suas preces ao Creador do Universo, n'esse solemne momento, em que a creatura humana se entrega á misteriosa expansão do agradecimento, recommendava a alma de seu amigo á misericordia divina.

Quaes foram os motivos, que forçaram esse joven á desamparar Patria, amigos, parentes, e talvez.... amante? Que razões tão fortes o poderam levar á extranhos climas, aonde a voz da amisade, o grito da natureza, jamais echoariam á seus ouvidos, para aliviar-lhe as penas, mitigar-lhe as dores?

Viajando pela Europa, encontrei uma vez em Roma á um joven Brasileiro, riccamente prendado, e notavel sobretudo pelas suas maneiras polidas, e por um sentimento profundo de melancholia. Travei com elle amizade; visitamos juntos aquellas soberbas ruínas, e amphitheatros, que ornaram a Cidade de Tito e de Vespasiano. Elle quasi que me servia de Cicerone, explicando-me tudo o que por accaso me tocasse a curiosidade. Quando lhe fallava no Brasil, duas lagrimas lhe rolavam sempre dos olhos, e apenas lhe escapava esta palavra. — Nunca mais o verei! — E isto accendia-me mais o desejo, que tinha de saber as suas aventuras, e de partilhar seus soffrimentos.

Decidio-se elle por fim á contentar-me; e uma noite, depois de havermos deixado a Cidade, e atrevesado o Capitolio, seguimos a via sacra pelo foro Romano, e chegamos ao Calyseo. A lua magestosamente resplandecia no horizonte; no Céu brincavam mil estrellas, e um silencio, apenas interrompido pelo grito agoureiro dos mochos, reinava em torno. Subimos ao ultimo andar do edificio, e ali espriando nossa vista alem de S. Pedro, de S. João de

Laterano, e das sete montanhas, avistávamos o deserto ás portas de Roma. Mil quebradas columnas, rotos capiteis, magestosas pyramides, jasiã por terra. E um sussurro longiquo e continuo indicava, que ao lado d'aquelles tumulos, apar da dôr, que respiravam aquelles monumentos, existia uma Cidade grande, tumultuosa, onde milhares de homens se entregavam aos prazeres, aos risos, e ás dansas. Assentámos em uma escada de marmore, e preparámo-nos, elle á contar a sua historia, e eu á ouvi-la com a mais religiosa attenção: assim commecçou.

«—Eu amei uma donzella, bella como a rosa, pura como a divindade: pertencia á uma familia de boa linhagem, e muito conhecida pela belleza das moças, que d'ella descendiam. Tanto faveceu-me a fortuna, que não tardei á vêr o meu amor correspondido. Si nos encontrávamos nos bailes, a primeira contradansa era minha; si nos viamos em uma Salla, nossos olhos se cruzavam, e se entendiam. Que ventura ha ahí equivalente á esta? Amar e ser correspondido!.. Si eu a via, e a admirava, ella tambem me procurava com seus olhos, me seguia com seu pensamento. Que são riquezas, glorias, honras, dignidades, alegrias da vida á par d'esta ditta edusiva e perfeita, que só o amor outorga? Eu notava, que era o unico, que merecia seus cuidados, seus disvellos, o unico, em quem se fixavam seus meigos e ternos olhares, o unico, que dominava em seu coração..... e mil outros me invejavam tamanha felicidade!.. Mas tambem para sermos dignos de uma tal ventura, é-nos mister sacrificar-nos todo inteiro ao culto d'essa divindade, não pensar senão n'ella, não sonhar senão com ella.... e quão poucos de nós, homens, praticamos isso! — Eu, pela minha parte, não tenho remorsos; amei-a com todas as forças d'alma, adorei-a, como poucos serão capazes de o fazer!..»

Si ha em nós uma idea innata, um pensamento divino, que nos possa dirigir; si ha na creatura humana um principio ethereo, celeste, uma alma emfim, ella não pode ser outra cousa senão amor; é o unico sentimento, que nos liga á vida, e sem o qual, a existencia não passa de uma serie continua de dores, penas, e soffrimentos.

Mathilde era na verdade uma lindissima Brasileira: tu sabes como na nossa Patria são bellas as donzellas, sobretudo as do Rio de Janeiro, e Minas Geraes: pois bem, Mathilde realçava entre todas as Brasileiras pela sua formosura: immagina portanto a paixão,

que eu por ella sentiria.... Tinha uns olhos castanhos, sim, porem tão vivos, tão brilhantes, que mais bellos se não podiam dar. A natureza parecia ter querido faze-la um modelo de perfeição, por que, alem de dar-lhe com profusa mão graças corporaes, lhe bafejou no berço espirito raro, abraçando assim em um só composto aquillo, que bastára para riccamente prender á duas senhoras. E para ainda mais realçar seus dotes, para ainda mais sobresahir a sua formosura, lhe desenhára no rosto uma seriedade doce, tocante, e suavisada por mil encantos, que lhe atrahiam geral sympathia.

Eu tinha um amigo, que fôra companheiro da minha infancia, dos meus estudos; chamava-se Julio. Pareciamos ter o mesmo gosto, os mesmos sentimentos — e desgraçadamente, depois de algum tempo conhecêmos, que a mesma paixão nos dominava. Elle não pode vêr Mathilde, sem tambem adora-la. Desde esse momento separámo-nos; amor não consente amizade em dous peitos, que batem pelo mesmo objecto — O odio e o furor não tardaram á substituir os antigos sentimentos.

Dava-se um baile em Casa de um Diplomata Extrangeiro, baile esplendido, e magestoso. A Casa, situada no meio de um Jardim, toda illuminada, fazia recordar aquellas magicas e voluptuosas festas Orientaes, tão bem descriptas nas Mil e uma noites. Do meio das arvores, d'entre as flores, se elevavam, como porençanto, mil luses transparentes, que produziam um effeito maravilhoso: um concurso numerozo de povo passeava pelo jardim; e d'entro se achava reunida a mais brilhante e escolhida sociedade do Rio de Janeiro.

Todas as classes da sociedade se achavam ali representadas. Senadores, Ministros d'Estado, Deputados, Diplomatas, Membros do Supremo Conselho, Desembargadores, negociantes, e agricultores, encontravam-se á cada passo. Aquelles abotoavam a cazaca, para bem mostrar a comenda, que lhes ornava o peito. Estes trasiã uma longa fita encarnada ao pescoço, para que se não enganassem sobre seus serviços e vocação: uns iam perder no jogo aquillo, que talvez bem pouco lhes custou á ganhar; outros passeavam com as damas, rendiam-lhes mil finesses — alguns haviam tambem que só serviam para comer doce e beber refrescos. — Dir-me-hão talvez, que são os que melhor se aproveitaram da festa.

Foi n'esta occasião, que Julio conheceo perfeitamente o despreso, que lhe tinha Mathilde, e o amor, que me ella dedicava. Ora ella n'esse mo-

mento mais que nunca brilhára: tinha um vestido de filó branco lavrado, que lhe assentava admiravelmente; uma rosa branca estava depositada no peito, e recebia d'elle vida e amor... um collar de perolas finas e pequenas lhe pendia ao pescoço, luctando ambos em alvura, e brilhantismo... quem, vendo-a, resistiria á tantos encantos? — Julio portanto teve com razão ciúmes... O seu furor não conheceu mais limites; dotado de uma alma propensa á vingança, deu-se desde logo ao trabalho de procurar todos os meios para satisfazer o seu amor proprio offendido, prompto á lançar mão d'elles, embora fossem reprovados, ou indignos. Que importava a honra de outrem, quando de seu ultraje resultava-lhe algum beneficio?

Começou por intrigar os meus parentes, e os de Matilde; e d'esse artefacto do edificio, que elle pretendia levantar á sua vingança, sahio-se maravilhosamente. Nossos pais oppuzeram-se logo á nossa união; aproveitando-se de uma viagem, que eu fizera á Provincia de Minas Geraes, procurou arrancar do coração de Mathilde esse amor, que era a minha vida.....

Demorei-me seis mezes em Minas, sem que recebesse uma só Carta de Mathilde, havendo-lhe eu escripto por todos os correios; a minha inquietação era superior á tudo o que se pode imaginar. Pois aquella, que tantas vezes me havia jurado que jámais pertenceria á outro; que sempre me confessára, que um só momento não podia passar sem que pensasse em mim!... aquella, por quem eu estaria prompto á sacrificar meu sangue, minha vida, minha alma.. assim me esquecia?.. Estas funebres ideas me não deixavam... horrivel pensamento, que se liga ao homem, que o martyrisa, que o tortura!.. E então me lembrava, que Julio ficára no Rio de Janeiro, que estava ao lado d'ella, que talvez... Meu Deos! meu Deos! O ciúme é o inferno em vida, é a desesperação, que faz odiar ao Creador, a natureza, a tudo... é o primeiro degráu da maldadesa humana!..

Foram seis mezes de martyrios, de dôres continuas; ainda hoje, quando me lembro de Minas, que me recordo de Ouro Preto, Marianna, S. João d'El-Rey, e outros logares; ha sempre um pensamento de morte, que me traspassa o coração!... Não pude mais suste-me; não estava em mim demorar-me mais tempo; deixei nas mãos de um Procurador os negocios, de que me havia encarregado, e voltei para o Rio de Janeiro.

Não te poderei descrever a alegria, que me assaltou, quando, do alto de S. Christovam, descobri as torres de S. Francisco de Paula e da Candelaria. Eu me approximava d'aquella Cidade, aonde existia, aonde respirava a mais formosa donzella, a mais perfeita creatura, que em seus sonhos podesse crear a imaginação de um Byron: battia-me o coração com força desusada... era na verdade esse momento superior ás minhas forças.... A vasta bahia do Rio de Janeiro se desenrolava á meus olhos, balanceando com suas vagas um milheiro de navios, beijando as lages da praia com um sorriso de amor.... O barulho continuo da Cidade, as montanhas, que a cercam, as phisionomias diversas, que se abalroam nas ruas... tudo isto me avivava a idea do bem, que eu havia desamparado. —

E n'este momento, mil lagrimas se desprenderam dos olhos do meu companheiro: a tristeza, que se divisava em todos aquelles objectos, que nos circundavam, admiravelmente contrastava com o seu pranto, e magoa. Deixei-o dar, por alguns minutos, folgas á sua dôr, e esperei que continuasse novamente a sua historia.

— Apenas cheguei á Casa, e abracei á meus Irmãos, corri á vêr Mathilde, sem que perguntasse á pessoa alguma noticias suas. Tamaña foi a minha perturbação, que olvidei deixar em casa um punhal, que me servira na viagem..... Quando subia as escadas, ouvi uma voz suave, que magicamente se elevava aos Ceos!.. Conheci-a logo — Era a sua voz tão harmoniosa como a corda de uma harpa, tão branda como o cantico dos Anjos. Cantava ella então a celebre cavatina da Norma de Bellini...

Qual côr tradisti,
Qual côr perdesti,
Crudel Romano,
Tentasti in vano
Da me fuggire....

E eu me tinha elevado em um estado sublime; a melancholia, que respirava a canção, o sentimento, com que Mathilde a exprimia; a melodia de sua voz, e a nossa situação, tudo concorria para elouquecer-me!..

De repente cessou de cantar, e milhares de applausos resoaram em toda a Sala. Que furor, que senti então! Quem seria o barbaro, que assim interrompia meus sonhos? E contra minha vontade, escapou-me dos labios o seu nome. Tal estrondo causei, que uma vôz funebre exclamou de dentro — quem vêm interromper esta festa? — e de repente abre-se a porta, e eu sem me sentir, acho-me no meio da Sala. Olhara Mathilde, e ve-

jo-a palida, convulsa, com os olhos tremulos e lazymosos.... todos os que ali se achavam, me pareciam furiosos... — Mathilde! Mathilde! — Exclamo e corro para ella... Mas de repente apparece diante de mim Julio, como si fôra um espectro, ou fantasma!.. — E' minha mulher! — Me diz com uma voz de estentor — Não sei o que me succedeu então, porque quando dei acôrdo de mim, estava em casa de um visinho com Medicos á cabeceira. O sino grande de S. Francisco de Paula murmurava meia noite.... Quatro horas estive sem sentidos!..

Levantei-me tranquillamente, agradei á todos, e lhes disse, que me desculpassem, por que havendo recolhido os sentidos, voltava para a minha Casa. Sahi, e passei só pelo caes da Gloria. Subi ao atrio da Igreja, e lancei os olhos sobre o mar... que dôr então senti!.. quiz matar-me... mas um genio infernal me deteve sem duvida a mão assassina.... antes o tivesse feito... grande Deos!.. Continuando o meu passeio insensivelmente fui-me encaminhando pelo jardim de uma Casa, e entrei, sem encontrar pessoa alguma, até uma alcova ricamente adornada, e aonde estava um leito magestosamente preparado.... Sentei-me por alguns minutos, e pareceu-me ouvir rumor, e risadas dentro: escondi-me casualmente por detraz dos cortinados.

Appareceu uma donzella palida, e tristonha; sentou-se no leito, e começou a chorar.... Era ella.... Eu mostrei-me logo, e ajoelhei-me á seus pés... — Eduardo, Eduardo! Que ousaste faser! Tem piedade de mim, de uma desgraçada esposa!.... — Esposa, exclamei eu com horror, não, não é possível, tu me enganas, tu me esqueceste, e ora queres salvar-te por este expediente — Eu to juro, me replicou ella!.. —

Aqui parou Eduardo a sua narração; levantou os olhos ao Ceo, banhados em lagrimas, e entre soluços e gemidos gritou — Meu Deos! Tem piedade de mim, perdoa-me, estes remorsos devem ser sufficiente castigo para o meu crime; elle foi involuntario... não sei que máo genio me guiou o braço — Eu não soube o que fiz; perdoa-me! — Eu sustentei-o, por que elle se havia deixando cabir sobre mim. N'este momento o som de uma guitarra, brandamente tocada, se espalhou pelos ares; e uma vôz harmoniosa o acompanhava; eram alguns paisanos, e paisanas, que passavam, cantando os versos de Tasso....

— Eu nada vos posso dizer — continuou Eduardo — de cousa alguma me lembro... oh!... sim, agora

me recordo... ella disse-me que Julio a havia enganado, asseverando-lhe, que eu me cazára em Minas.... E depois uma força, que não pude perceber, levou-me de encontro á um homem, que entrava... lancei mão do maldito punhal, que conservára no seio... o homem cahio por terra assassinado.... e eu achei-me banhado em sangue!..

Deixei tudo n'esta desordem, voltei á minha Casa, escrevi um escripto de adeus á um amigo meu, chamado Jorge, e em menos de duas horas estava á bordo de um navio, que se fasia de véla para Marsellia.

Apenas cheguei á esta Cidade, passei-me para Roma, que escolhi para meu domicilio, pelas suas recordações de gloria. Ambos supportámos o mesmo destino; ella foi grande, feliz, e amada pelos seus Imperadores... e eu tambem tive meus dias de gloria, e de ventura. Não sei noticias de pessoa alguma do Brasil, e és tu o primeiro compatriota, com quem travei algumas relações n'esta Cidade. Si regressares ao Brasil, e conheceres Jorge, leva-lhe algumas saudades minhas.... quanto á historia, que te contei, não penses mais n'ella... guarda o segredo —

De volta ao Rio de Janeiro, procurei conhecer Jorge; já era morto, e apenas uma sua Irmã me pôde contar que elle até os seus ultimos momentos se lembrára de seu amigo. Levou-me tambem a curiosidade á indagar onde estava Mathilde.

Ella vivia ainda, porem triste e inconsolavel pela morte de seu esposo, e auzencia de seu amante.... um escravo havia sido condemnado á galés perpetuas pelo assassinato de seu senhor... justiça dos homens!..

Ha poucos mezes, recebendo Cartas de Roma, soube que aquelle infeliz compatriota já tinha cessado de viver... Ousei portanto publicar as suas aventuras Elle chamava-se Eduardo: sem duvida que se reunio com o seu amigo Jorge, em vida mais ditosa e tranquilla.

A VISO.

Roga-se aos Srs. Subscriptores, do JORNAL DOS DEBATES, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas do 2.º trimestre do anno, já decorrido, tenham a bondade de o mandar faser na Typographia do *Diário*, rua da Ajuda n.º 79: poupando ao Redactor o arduo e pesado trabalho das cobranças por uma tão diminuta quantia. O mesmo se roga aos Srs. que ainda não satisfizeram o 3.º trimestre, que começou no mez passado.